

## Gabinete do Arcebispo Primaz

### HOMILIA

Ref. HML\_05/2016

Homilia na Quinta-feira Santa

Braga, Sé Catedral, 24.Mar.2016, 16h

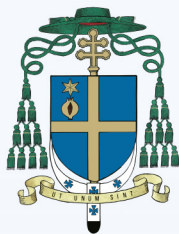
### **Saboreai e vede como o Senhor é bom**

Com a celebração da Ceia do Senhor, em Quinta-feira Santa, a Igreja reaviva a memória da instituição da eucaristia, a qual, segundo a *Lumen gentium*, é a “fonte e centro de toda a vida cristã” (LG 11). Inicia-se também o Tríduo Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição que constitui o ponto alto do ano litúrgico, bem como da nossa vida de fé. O livro dos *Actos dos Apóstolos* relata-nos com certa comoção que os primeiros cristãos “eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações” (Act 2, 42). Sabemos tratar-se da comunidade ideal e que nem sempre o caminho da unidade é fácil. Mas o pão levado à boca por mãos generosas é, sem dúvida, uma luz de esperança que se acende no mundo. Sim! O pão oferecido sem amor pode valer muito pouco. Tem razão Madre Teresa ao lembrar-nos que “a fome de amor é mais difícil de saciar do que a fome de pão”. Só que na oferta do pão é fundamental descobrir outra interpelação.

Continuando o nosso itinerário quaresmal, gostaria de fazer uma apologia do **paladar**. Faço-o na lógica dos sentidos espirituais, tal como nos é descrito na *Carta aos Hebreus*: “aqueles que uma vez foram iluminados, que *provaram* o dom celeste, que se tornaram participantes do Espírito Santo, que *provaram* a boa palavra de Deus e as maravilhas do mundo futuro” (Hb 6, 4-5). Assim como os recém-nascidos precisam do leite materno para crescerem, assim nós, discípulos de Cristo, necessitamos do “leite espiritual, não adulterado, que nos faça crescer para a salvação” (1 Pe 2, 2) e, sobretudo, **saborear** “como o Senhor é bom” (Cf. Slm 34, 9). Se não permitirmos que o amor de Deus entre em nós, é muito imperfeito o amor ao próximo.

Na verdade, qualquer sentido pode fazer-nos experimentar o bom e o mal que chega até nós. O paladar não é excepção. Basta recordar quando Eva, aliciada pela serpente, viu “que o fruto da árvore devia ser bom para comer” (Gn 3, 6) e por isso o comeu e deu-o a comer também ao seu marido. Porém, nem tudo o que brilha é ouro, afirma o ditado popular. Dito de outro modo, nem todas as realidades que à partida nos parecem boas poderão ser as melhores para a nossa vida. Aquilo que vem do nosso interior pode azedar a vida das outras pessoas. Jesus disse-nos muito claramente que “não é aquilo que entra pela boca que torna o homem impuro; o que sai da boca é que torna o homem impuro” (Mt 15, 11). Daí Pedro nos advertir para nos apartarmos de “toda a malícia, falsidades, hipocrisias, invejas e toda a espécie de maledicências” (1 Pe 2, 1). Como é fundamental purificar o interior!

Nem sempre ousamos, perante o amor misericordioso de Deus, olhar para a nossa vida e verificar o que a alimenta e dá verdadeiro gosto. Como discípulos, temos o dever de discernir e não nos



deixarmos levar pelas aparências. Com sinceridade, reconhecemos que é muito fácil permitir que entrem nos nossos gostos e prazeres coisas que, talvez inconscientemente, viciam o autêntico amor. Ousemos pensar e saber optar. O discípulo não teme a coragem nem menospreza o ir contra-corrente. A identidade do discípulo supõe atitudes tomadas a partir de opções corajosas e difíceis. O ambiente que nos envolve promove, não poucas vezes, atitudes acríticas. Como avalio os meus gostos? Como avalio as leituras que faço, os filmes que vejo, o uso da *internet*, as conversas que mantenho e os lugares que frequento?

O discípulo deve centrar-se no essencial e convencer-se que só Deus é perfeitamente bom. Para o cristão, a caridade ou o amor será sempre o princípio inspirador e norma suprema que o identifica e, ao mesmo tempo, o distingue. A caridade precisa de se materializar, de se fazer carne, em ordem a ser credível. As suas manifestações poderão ser as mais variadas: o acolhimento recíproco, a solidariedade efectiva e afectiva, assim como gestos de compaixão, consolação, conforto. Este amor conduz a uma unidade profunda e real, suscitada pelo Espírito Santo, entre o interior, pleno de Deus, e o exterior que manifesta esse mesmo amor. Como temos de purificar os nossos amores!

A cerimónia do lava-pés é sempre paradigmática para os cristãos e para a Igreja. Escolhemos seis pessoas pertencentes a Institutos Religiosos Missionários. Sabemos que, hoje, a missão está ao nosso lado nas comunidades e na sociedade. Mas o discípulo não pode alhear-se ao anelo de Jesus de chegar ao mundo inteiro e, por Ele, contribuir para que a vida de muitos se realize segundo o estatuto do desenvolvimento integral. Todos somos filhos de Deus, independentemente da nossa religião ou descrença. Quisemos, também, ter seis residentes do Instituto D. João Novais e Sousa. A instituição criada pela Igreja e que hoje acolhe frágeis a quem diariamente proporciona felicidade através dos seus serviços prestados. A vida tem sempre valor e nenhuma limitação física ou psicológica lhe retira dignidade. Esta é uma instituição que vive profundamente a hospitalidade cristã. Como seria bom que os cristãos tivessem gosto e soubessem saborear a alegria de servir quem, à partida, nunca agradecerá. A sociedade fraterna não é uma utopia.

Nunca meditaremos o suficiente sobre a importância da comunidade hospitaleira. Perante o Corpo de Cristo, oferecido nesta eucaristia, e diante da simbologia do lava-pés, as nossas comunidades cristãs são chamadas a reverem o seu agir eclesial. Quanto caminho a percorrer para que nos encontremos como verdadeiros irmãos que se amam, em profundidade e diversidade, aceitando as fraquezas com paciência e mostrando a beleza de uma família! É curioso pensar que um grande filósofo da actualidade, Alain de Botton, tenha sugerido no seu livro *Religião para ateus* a promoção de refeições agápicas. Botton verificou que o cristianismo tem na eucaristia e nas refeições fraternas um tesouro incalculável de humanização das relações. O *paladar* das refeições é, amiúde, a antecâmara do *paladar* da fraternidade. E, deste modo, Botton sugeriu que se criassem nos restaurantes mesas comunitárias onde as pessoas, estranhas entre si, se sentariam para conversarem livre e desinteressadamente.

Não seria significativa a realização de um almoço com pessoas com deficiências, sentadas lado a lado com outros, num ambiente fraterno e de convívio igualitário? Deixem-me sonhar e esperar que apareçam pessoas e instituições que se ofereçam para o realizar.



Permitam-me, para terminar, que vos cite um pensamento do Papa Francisco retirado na exortação apostólica *Evangelii gaudium*. “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem páscoa. Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados.” (EG 6).

Como tudo seria diferente se cada um, nos momentos alegres e tristes, saboreasse esta verdade estruturante da vida do discípulo de sentir-se infinitamente amado por Deus e, por causa disso, quisesse saborear a beleza da dádiva. Como lemos na Sagrada Escritura, “A felicidade está mais em dar do que em receber” (Act 20, 35).

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*